

# ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS BRASILEIRAS E O MORHAN

## EDITORIAL

Quando uma pessoa sofre de uma doença que causa incapacidades, durante um período ela se sente excluída do seu ambiente e enfrenta toda sorte de rejeições. Ela necessita então, de uma boa dose de autocontrole, e muito apoio das pessoas que a rodeiam, tais como sua família, comunidade e equipe de saúde para sua reabilitação. Esta realmente começa quando ela concorda em participar de grupos formados por indivíduos que exibem problema semelhante ao seu.

Entre as causas que levam a incapacidades, podemos mencionar traumas, doenças crônico-degenerativas, e algumas doenças infecciosas de evolução crônica. A hansenfase está entre elas e talvez seja a mais incapacitante.

As incapacidades na hanseníase, não são só de origem física, mas também psicológica, devido ao tabu e os preconceitos que a envolvem. Durante longo tempo era compulsória a segregação dos pacientes para evitar que a doença se disseminasse na comunidade. Através dos séculos, a hansenfase incorporou toda a conotação negativa de outras enfermidades cutâneas, englobadas todas elas dentro de um complexo denominado lepra". Essa tremenda carga preconceituosa prejudicou sempre a execução de medidas eficientes de reabilitação e controle, e por isso, o Brasil, reconhecendo sua natureza bio-psico-social e os obstáculos que criava para a reintegração dos pacientes na sociedade, adotou sua atual designação e eliminou o uso da palavra lepra" de todos os documentos oficiais.

Na era dos "asilos-colônias", apareceram muitas entidades filantrópicas com o objetivo de ajudar os pacientes fornecendo-lhes utensílios, agasalhos, alimentos e proporcionando-lhes festas. Mais tarde, com a adoção do tratamento ambulatorial, outros tipos de organizações foram

sendo criadas, agora sem uma conotação eminentemente paternalista, procurando congregando os doentes, orientando-os com relação a sua moléstia e trabalhando para sua reabilitação e reinserção social. Isso aconteceu, em parte, devido ao desinteresse das autoridades, naquela época, de assumir suas responsabilidades no controle da doença. Uma organização assim, veio surgir mais recentemente que é o MORHAN (Movimento para a Reabilitação do Hanseniano).

O MORHAN foi fundado na década de 60 por Francisco Augusto Bacurau Vieira Nunes, no Instituto "Lauro de Souza Lima", onde estava internado. Uma carta de intenções foi elaborada então, com vários itens entre os quais, a busca de uma melhor atenção aos pacientes pelas equipes de saúde, a luta contra a exploração da doença para angariar donativos, e o acesso ao tratamento e a reabilitação.

O Movimento cresceu em tamanho e importância e conta hoje com representantes em todo o país. Atualmente, seus membros formam obrigatoriamente parte em Congressos, em reuniões no Ministério da Saúde, e tem mesmo um lugar no Conselho Nacional de Saúde. Acidentalmente porém, o MORHAN nasceu em um período em que o governo já havia retomado o seu interesse no controle da hansenfase, e o seu desenvolvimento se deve, não somente ao carisma do seu fundador e ao empenho de muitos dos seus filiados, mas também pela vontade governamental que dele necessitava estrategicamente.

É pena que uma Organização como essa tenha em seus quadros elementos muito radicais, eles dão muitas vezes ao Movimento, um caráter de "luta de classes" e isso provavelmente porque, eles como pacientes, viveram uma época em que foram praticadas muitas injustiças entre as quais a internação compulsória em "colônias", e quando não havia

ainda um tratamento eficiente e nenhuma maneira organizada de evitar deformidades ou corrigi-las. Hoje, quando já existe uma terapêutica adequada e os pacientes recebem alta curados, essas pessoas ainda insistem em ser reconhecidos como doentes de hanseníase, exibindo suas deformidades e clamando por direitos que julgam ter como pacientes e não como indivíduos já curados, embora com as sequelas causadas pela enfermidade que tiveram.

De qualquer modo, isso não diminui os méritos dessa Organização tem ajudado muito e tem ainda um papel importante a desempenhar na luta contra a hanseníase.

Embora seja bastante provável, atingir-se a meta da eliminação da hanseníase como um problema de saúde pública, o Brasil tem ainda um grande número de pacientes, e um grande esforço tem que ser feito para controlar a doença. Apesar da poliquimioterapia, há muitos obstáculos a serem superados, tais como um número considerável de casos novos (cerca de 30.000 por ano), o uso, ainda, da monoterapia com a sulfona, as taxas de abandono, e ações deficientes na prevenção de incapacidades e na sua correção cirúrgica.

O diagnóstico precoce se encontra em primeiro lugar entre as atividades de controle. Tratar a doença no seu início, evitando o contágio e a instalação de deformidades, é o alvo principal a ser atingido. Por outro lado a busca ativa de casos não é eficiente e nem é possível ser realizada e, por isso, a melhor estratégia é incentivar o exame dos contatos pela educação dos pacientes, da sua família e da comunidade.

Neste contexto, a participação do MORHAN é muito importante. As atividades de

controle se tornariam muito mais eficientes se os membros do Movimento assumissem as responsabilidades de orientar os familiares de um paciente de hanseníase a procurar o Centro de Saúde para exame, ou ir a um médico de sua própria escolha, que tenha uma experiência adequada no diagnóstico da hanseníase. Mais do que isso, teria um papel fundamental a desempenhar na recuperação de faltosos, procurando convencê-lo a retomar para o término do tratamento, e na persuasão daqueles pacientes que estão em uso da monoterapia com sulfona a iniciar imediatamente a PQT. Além de tudo, como um Movimento para a Reabilitação do Hanseniano, que é, seria da sua alçada exigir que sejam oferecidos bons serviços de prevenção de incapacidades e de correção de deformidades pela cirurgia. Essas são atividades que realmente devem pautar o comportamento de entidades como o MORHAN.

Gostaríamos de recordar o que dissemos no início, de que o processo de reabilitação começa quando um paciente procura uma organização que congrega indivíduos que tenham o mesmo problema que o seu. Juntos eles podem e devem reivindicar seus direitos a uma cuidado adequado de seus problemas e a cura de sua doença, além de cooperar de maneira integrada com os órgãos de saúde comprometidos com essas metas. Ações que não visem esses objetivos, não são aceitáveis, são contraditórias e não justificam a sua existência como Organização.

D.V.A. Opromolla  
Diretor da Divisão de Pesquisa e Ensino do  
Instituto Lauro de Souza Lima